

ESTUDANTES DE LETRAS VOLTARAM À GREVE

Mas começa a haver divergências entre os alunos

Os estudantes das faculdades de Letras das universidades clássicas portuguesas (Porto, Lisboa e Coimbra) e os seus colegas da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa observaram ontem, pela segunda vez numa semana, uma greve às aulas, que se prolonga pelo dia de hoje. A paralisação foi quase total, calculando-se em cerca de 14 mil os estudantes em greve.

Como o JN tem noticiado, os estudantes protestam contra um projecto de reestruturação curricular que o Ministério da Educação acertou com os conselhos directivos e científicos das faculdades.

Segundo fonte estudantil, apenas na Faculdade de Letras de Coimbra terá havido alguma actividade lectiva, dado que para ontem estavam marcadas provas de frequência. «De manhã — acrescentou a mesma fonte —, houve uma aula com quatro pessoas e assisti. De resto, é natural que com as frequências marcadas, tenha havido quem não quisesse faltar...». Todavia, no Porto e em Lisboa («Letras» e «Ciências Sociais e Humanas») a adesão à greve foi da ordem dos 100%.

Entretanto, começam a surgir, aqui e ali, algumas movimentações de contestação à liderança do processo de luta encetada, designadamente, no que respeita à Comissão Nacional Coordenadora dos Estudantes de Letras (CNCEL) — críticas que esta estrutura repudia. É o caso da Associação de Estudantes da Faculdade de Letras de Lisboa, que a CNCEL — pela voz de um dos seus dirigentes — considera ter-se «auto-excluído» daquela estrutura federativa dos estudantes de Letras.

Enquanto isto, no próximo fim-de-semana a Comissão Nacional Coordenadora dos Estudantes de Letras deverá participar numa reunião na Faculdade de Letras do Porto com representantes dos conselhos científicos e do secretário de Estado do Ensino Superior.

A participação dos estudantes nesta reunião é considerada como uma vitória, «na medida em que pela primeira vez lhes é reconhecida capacidade negociadora».

A Associação de Estudantes da Faculdade de Letras de Lisboa «está contra a forma como tem sido conduzido todo o processo de luta nas faculdades de Letras e considera mesmo que existe uma manipulação política tendente a desestabilizar a

situação no ensino superior» — afirmou ontem ao JN Carlos Lobo, presidente da Associação de Estudantes da Faculdade de Letras de Lisboa.

Esta posição significa que os estudantes de «Letras» de

justas as reivindicações dos estudantes perante a possibilidade da entrada em vigor do «numerus clausus» para a formação psicopedagógica. Mais ainda, entende aquela Associação que «todos os alunos devem ter acesso à formação psicopedagógica de forma a obterem perspectivas no mercado de trabalho».

No entanto, não aceitam a forma como tem sido conduzido o processo porque este é «um problema que em primeira instância deve ser resolvido nas escolas, já que compete aos conselhos científicos e pedagógicos, conhecendo a opinião dos alunos, dizerem sim ou não à

Faculdade de Letras de Lisboa (a que por sinal contém maior número de alunos) «apoia os dois dias de greve, mas é contra formas de luta mais radicais, nomeadamente a greve ilimitada que visa objectivamente interesses alheios aos alunos e iria pôr em causa a normal conclusão do ano lectivo».

Assim, ontem não houve aulas na Faculdade de Letras de Lisboa, apenas funcionaram as do curso para estrangeiros e hoje mantém-se a convocação da greve. Hoje, amanhã e segunda-feira são dias de eleição para os corpos gerentes da Associação de Estudantes e só no próximo se saberá ao certo qual a posição definitiva a assumir pelos estudantes de Letras de Lisboa quanto à continuação da luta.

Após o acto eleitoral concorrem duas listas — uma de continuidade em relação à actual Direcção, conhecida como afecta aos partidos da Direita, e outra abrangendo estudantes com posições à Esquerda ou independentes. Dependará, por isso, dos resultados da eleição que, pelo que apurámos, será difícil para qualquer uma das listas, a adopção de novas formas de luta ou, pelo menos, a continuação do processo de luta em solidariedade com as restantes faculdades de Letras.

Mas, não é só da Lisboa que surgem críticas à CNCEL. Numa nota que nos enviou, a Direcção da Associação Académica da Universidade do Minho (AAUM)

nega ter remetido à CNCEL «qualquer mensagem de solidariedade», como os dirigentes daquela estrutura deram conta à comunicação social e esta noticiou.

«Embora apelando globalmente a reestruturação curricular — adiantam os dirigentes da AAUM — dos cursos das faculdades de Letras das universidades clássicas, não podemos estar de acordo com a supressão do «numerus clausus» para a variante pedagógica, e consequente profissionalização, por tal não se adequar à realidade actual do mercado de trabalho na licenciatura de História e vir afectar, profundamente, os estudantes dessa licenciatura desta Universidade».

Os estudantes da Universidade do Minho entendem que «toda e qualquer reestruturação dos restantes cursos da área de Letras deve ser acompanhada por uma readaptação dos actuais regulamentos de concurso, de forma a que os estudantes das licenciaturas em ensino das universidades novas não sejam prejudicados».

De qualquer forma, a AAUM apoia, na «globalidade», o projecto de reestruturação dos cursos de Letras, já que diz «compreender perfeitamente a urgência de garantir aos colegas uma saída de futuro». «Mas — acrescenta a Direcção da AAUM — tal saída não pode ser encontrada exclusivamente na área da docência, única saída profissional dos estudantes de Letras desta universidade».

JSD ACUSA MINISTRO DE «LANÇAR AGITAÇÃO»

Pela primeira vez, a JSD critica o ministro da Educação. A JSD acusa o ministro de «estar a lançar as sementes da agitação e a eternização dos conflitos».

O editorial do «Jovem Reformista», órgão oficial da JSD, publicado hoje, afirma que «o maior Ministério deste país tem de repensar a sua estratégia: uma acção a prazo para as mudanças estruturais, uma acção inteligente a curto prazo, por forma a introduzir correcções conjunturais».

A JSD refere que «de nada servem as declarações de boa vontade contra os regimes de prescrições e precedências», acrescentando que «som a falso as propostas sobre reestruturação dos cursos superiores de Letras».

«Não aceitamos posições de duvidosa credibilidade. Estamos habituados à credibilidade», conclui o editorial.

Lisboa, (ou melhor: a sua Associação de Estudantes) não apoiam formas de luta mais radicais nem as posições publicamente assumidas pela Comissão Nacional Coordenadora; aliás, eles não participaram na audiência com o ministro da Educação e que reuniu também os reitores e presidentes dos conselhos científicos das quatro faculdades de Letras existentes no país (três «clássicas» e a «Nova» de Lisboa).

Isto não significa que os estudantes de Letras de Lisboa tenham abandonado as formas de luta adoptadas nos encontros nacionais de estudantes de «Letras». A reunião geral de alunos recentemente realizada sancionou a proposta de greve adoptada pelas outras faculdades e ontem (e hoje também) a Faculdade de Letras de Lisboa esteve (e está) em greve às aulas.

Segundo declarou ao JN Carlos Lobo, a Associação de Estudantes da Faculdade de Letras de Lisboa, concorda que, de facto, são

proposta de reestruturação curricular».

Por outras palavras, a Associação de Estudantes da

Diá

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

Conflicto - estudantes